

DESENVOLVENDO HÁBITOS CULTURAIS E SABERES PRÁTICOS: PLANTAS MEDICINAIS COMO FONTE DE SAÚDE COLETIVA

Beatriz Costa de Oliveira Queiroz de Souza¹; Itamar Rodrigues Paulino²

¹Estudante do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências e Tecnologia das Águas – ICTA – UFOPA; E-mail: beatriz-coqs@hotmail.com; ²Docente e pesquisador – CFI – UFOPA; E-mail: itasophos@gmail.com.

RESUMO: Para a realização do plano de trabalho “Desenvolvendo Hábitos Culturais e Saberes Práticos: Plantas Medicinais como Fonte de Saúde Coletiva”, foram realizadas pesquisas prévias de cunho quali-quantitativo para a obtenção de informações quanto ao uso, manejo e modos de preparo de plantas medicinais na comunidade quilombola de Arapucu, em Óbidos-PA, que objetivaram inferir se a utilização e preparação da flora terapêutica encontrada na região de fato promove a boa saúde de populações tradicionais amazônicas, além de resgatar, catalogar e expor o etnoconhecimento botânico presente no local, para que este não seja definitivamente perdido. Os dados obtidos serviram para a realização de ações de extensão de registro e divulgação dos saberes tradicionais sobre a flora medicinal através da elaboração de um inventário etnobotânico, cartilha informativa, oficinas e apresentações orais em eventos regionais e nacionais, de forma a vir aliar a participação e envolvimento social com a revalorização dos saberes tradicionais sobre plantas medicinais pelos comunitários, pelo público acadêmico, governamental e de diversos segmentos da sociedade, incrementando o inventário de espécies encontradas e conhecidas na região, e assim, servindo como base para a realização de ações similares regionalmente.

Palavras-chave: etnobotânica; flora medicinal; hábitos culturais; promoção da saúde.

INTRODUÇÃO

O conhecimento sobre plantas é parte da cultura de uma comunidade e está entrelaçado com sua história de vida e identidade (PASA, 2007), possuindo uma interrelação direta com os modos de vida locais, que interferirão nos afazeres e na própria variação linguística comunitária. Os saberes e as tradições de uso de plantas medicinais se mantêm vivos através da transmissão oral dos conhecimentos obtidos, entre gerações e pessoas conhecidas (compadres, comadres e vizinhos), revelando uma conexão identitária com suas raízes, sejam elas de matriz europeia, africana ou indígena. Segundo Rodrigues (2002), estes conhecimentos são adquiridos através da observação e experiência empírica, principalmente com animais, que leva a haver uma mística e crença espiritual de melhora, fundamental para que haja de fato a melhoria da saúde das populações.

O uso da flora como fonte terapêutica vem desde os primórdios, iniciando-se com a percepção das primeiras civilizações existentes sobre os princípios ativos que as plantas continham que possuíam poder curativo no trato de enfermidades (BADKE et al., 2011). Na Amazônia, tanto brasileira quanto internacional, o hábito cultural de cultivo e uso de plantas medicinais é antigo e comum por populações tradicionais, indígenas e não indígenas (ribeirinhos, quilombolas, caboclos, seringueiros, castanheiros, entre outros), por três motivos fundamentais a serem citados: pela região possuir imensa biodiversidade florística, o que leva os habitantes locais a terem um leque de possibilidades com as plantas autóctones (nativas) e alóctones (trazidas para cá); por boa parte destas populações não terem acesso a atendimento de saúde que seja presente e/ou eficaz, tendo de recorrer às práticas alternativas para que haja a cura de enfermidades; e por estes povos ainda conviverem intimamente com a natureza, podendo assim percebê-la e analisá-la incessantemente com outros olhos (ELISABETSKY, 1997).

Na região do baixo Amazonas, são relatados alguns trabalhos significativos com a temática da etnobotânica, que é a ciência que estuda a interrelação entre as sociedades humanas e a flora, incluindo seu uso e manejo, através do saber acumulado por estes povos (CARNIELLO et al., 2010). Entretanto, estes se concentram em comunidades indígenas e quilombolas no município de Santarém, e limitam-se somente à pesquisa, não citando atividades de extensão (BRAGA, 2013; OLIVEIRA & BRAGA 2017; OLIVEIRA & CAVALCANTE, 2017; SCHULTZ, 2015).

Assim, surge a necessidade da realização e relato de atividades pesquisadoras e extensionistas de revalorização e recuperação do conhecimento tradicional botânico em comunidades tradicionais em outros municípios do oeste paraense, para que assim, haja o incremento do inventário florístico da região (que ainda é ínfimo), fazendo com que mais espécies potencialmente úteis para o trato da saúde sejam descobertas e estudadas, e que o saber destas populações sobre plantas medicinais não seja definitivamente perdido.

O presente trabalho resulta das ações de pesquisa e extensão na comunidade quilombola de Arapucu, em Óbidos-PA, que objetivaram saber se a utilização e preparação da flora terapêutica encontrada na região de fato promove a boa saúde de populações tradicionais amazônicas, assim como resgatar, registrar e divulgar o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais encontrado na localidade, de forma a empoderar o uso da flora

para a promoção da saúde coletiva e geração de renda através da economia criativa dessa população, servindo assim, como uma forma de revalorização do conhecimento etnobotânico comunitário e como subsídio para a realização de outros estudos e atividades similares na região.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A comunidade escolhida para as ações foi o quilombo de Arapucu, localizado à 17 km do município de Óbidos, no estado do Pará, nas coordenadas: Lat 1°52'18.85" (S) e Long 55°34'30.28" (O), e possuindo acesso via terrestre (20 minutos de carro, aproximadamente) e via fluvial (30 minutos de barco em média). A comunidade possui o território de 777,91 hectares, onde moram 79 famílias de descendentes africanos. O clima nesta região do Baixo Amazonas é caracterizado como tropical úmido (Am), com a estação chuvosa variando de novembro a maio e a estação seca de junho a outubro. A vegetação é de várzea na parte litorânea da comunidade e de terra firme no restante, que alcança a elevação de até 23 metros no ponto georreferencial, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Wufilda Rêgo.

A metodologia foi dividida em três momentos principais:

Primeiro momento: Estudos bibliográficos do tema, e visitas à comunidade escolhida, com o intuito de conhecimento da realidade local e aplicação de questionário para coleta de dados primários sobre as plantas utilizadas pelos comunitários, além de registro fotográfico destas e da comunidade como um todo.

Segundo momento: Tabulação, inventariação etnobotânica e apresentação dos resultados iniciais da pesquisa em eventos regionais (Óbidos-PA) e nacionais (Brasília-DF e Formosa-GO), além do registro dos hábitos culturais das comunidades quanto ao uso de plantas medicinais e modo de preparo de remédios caseiros a partir destas, através de uma pesquisa mais aprofundada e da realização de uma oficina na comunidade sobre a importância das plantas medicinais como fonte de saúde coletiva e como fator de promoção da economia criativa.

Terceiro momento: Formulação do inventário etnobotânico final de plantas medicinais da comunidade de Arapucu, bem como de uma cartilha informativa sobre os principais resultados da pesquisa, além da apresentação dos resultados da pesquisa e das atividades extensionistas em eventos regionais, dentro da comunidade acadêmica e externamente (Óbidos e Santarém-PA).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As duas pesquisas realizadas na comunidade foram complementares entre si, sendo a pesquisa inicial feita para avaliar o nível de conhecimento sobre plantas medicinais entre toda a população, e a segunda pesquisa, mais aprofundada, para analisar estas somente entre as pessoas que mais possuíam conhecimento etnobotânico no local. 58 espécies vegetais de 31 famílias foram identificadas no total, sendo 38 mencionadas na primeira pesquisa e 42 na segunda, o que revela um grande conhecimento etnobotânico comunitário. As mais citadas em ambos os estudos foram a arruda, capim-santo, erva-cidreira, hortelã, catíngia-de-mulata e boldo. Destas, 3 não foram identificadas (padu, uagro e vigatil), o que pode representar espécies potenciais de não serem ainda descritas, e de necessitarem de estudos que comprovem suas propriedades terapêuticas. A principal enfermidade tratada com plantas medicinais demonstra-se ser, em ambas as pesquisas, a dor no estômago, e este fato é tido como considerável na comunidade principalmente pelo não tratamento da água antes desta estar própria para consumo humano, o que pode provocar tais males. Os modos culturais de preparação das plantas demonstraram grande variedade, porém os comunitários ainda optam preferencialmente pelo chá, por ser mais fácil e prático de ser feito, e consequentemente pelas folhas, as partes das plantas mais utilizadas para o preparo dos chás. Em relação ao cultivo de espécies, 28 plantas de 18 famílias foram citadas, sendo a arruda, o elixir paregórico, a catíngia-de-mulata e o capim santo as mais mencionadas, e 1 espécie (sandula) não identificada. O menor número de plantas se deve ao fato dos entrevistados somente cultivarem espécies que são necessárias à longo prazo para estes, geralmente para os idosos e crianças da família, com o plantio das espécies específicas para as enfermidades acometidas. Quando estes necessitam utilizar determinada planta para o trato de alguma enfermidade, tendem a ir pedir a parte necessária da espécie a um compadre, comadre ou vizinho (a) que possua a planta em sua casa, o que faz com que haja uma interação social entre os próprios comunitários, e até mesmo a venda de remédios caseiros e mudas de plantas medicinais feitos por estes e entre estes, gerando renda e o fortalecimento da saúde coletiva local.

A partir dos dados obtidos com ambas as pesquisas realizadas na comunidade, foram sistematizadas ações de extensão nas formas apresentadas a seguir:

1. Inventário Etnobotânico completo de plantas medicinais da comunidade de Arapucu, contendo informações da família, nome popular e nome científico de cada planta, o número de citações por moradores na pesquisa inicial e final, a parte utilizada citada, para quais doenças estas servem, qual o modo de preparo mais

adequado, a dosagem e quantas vezes ao dia o preparo de cada deve ser ingerido, onde as plantas são encontradas e se há alguma contraindicação indicada para a espécie;

2. Cartilha Informativa “Plantas Medicinais da Comunidade de Arapucu (Óbidos-PA): Inventário Etnobotânico de Espécies e Utilizações”, contendo os principais resultados da pesquisa (plantas medicinais mais utilizadas, as mais cultivadas, as partes mais utilizadas, os principais tratos de enfermidades, os modos de preparo que mais são realizados, as principais dosagens e quantas vezes ao dia são utilizadas as plantas, onde estas são encontradas e as contraindicações mencionadas), sendo entregue na comunidade, para o público obidense e em eventos internos acadêmicos;

3. Oficina “Plantas Medicinais: Fonte de Saúde Coletiva e Economia Criativa”, para os moradores de Arapucu e para a população obidense durante o evento “VI Festival de Cultura, Identidade e Memória na Amazônia” (VI FECIMA);

5. Exposição dos dados obtidos com as pesquisas no evento “Feira Empreendedora José Veríssimo”, para a população obidense, e na comunidade de Arapucu.

4. Apresentação dos resultados de pesquisa e extensão nos eventos: “V Festival de Cultura, Identidade e Memória na Amazônia” (V FECIMA, em 2016 no município de Óbidos-PA), no “I Seminário de Epistemologia do Romance: Diálogos com a Cultura Amazônica” (Brasília-DF), “I Colóquio sobre a Amazônia”, com o tema “Olhares Interdisciplinares sobre a condição amazônica: Entre Culturas, Identidades e Memórias” (Formosa-GO), no “III Salão de Extensão da Universidade Federal do Oeste do Pará” (Santarém-PA), no “III Encontro Regional de Biologia e Biodiversidade de Organismos Neotropicais” (Santarém-PA) e no “VI Festival de Cultura, Identidade e Memória na Amazônia” (VI FECIMA, em Óbidos-PA), em 2017.

Estas ações, conjuntamente, foram eficientes para que houvesse a realização sucedida dos propósitos estabelecidos pelo plano de trabalho, e demonstraram que a comunidade de Arapucu e toda a região do baixo Amazonas ainda têm muito a oferecer e receber, sendo assim, necessários mais esforços para que haja este intercâmbio de saberes empíricos e científico, e que este continue ocorrendo.

CONCLUSÕES

Todas as ações e atividades realizadas foram efetivas em resgatar, registrar e divulgar o etnoconhecimento botânico encontrado no quilombo, e depois pontos fundamentais perceptíveis foram em relação à participação e envolvimento social entre a Universidade, comunidade, poder público e diversos outros segmentos da sociedade, ajudando a uma aproximação entre o espaço acadêmico e o público externo, assim como com o público interno institucional. Estes fatores, em conjunto, contribuíram para a revalorização e registro permanente do saber tradicional sobre plantas medicinais presente em Arapucu, fazendo com que este sirva de base para futuras pesquisas e extensões em âmbito local e regional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço meu orientador, pela oportunidade de pesquisar e extensionar, e aos moradores e liderança de Arapucu, pela boa recepção que tivemos na comunidade. Por fim, agradeço à equipe PROEXT CIMA pelo suporte, à PROCCE pelo apoio, e à UFOPA, pelo fomento para as ações através da bolsa PIBEX.

REFERÊNCIAS

BADKE, M. R.; BUDÓ, M. L. D.; SILVA, F. M.; RESSEL, L. B. Plantas Medicinais: O Saber Sustentado na Prática do Cotidiano Popular. *Esc Anna Nery* (impr.) 2011 jan-mar; 15 (1):132-139.

BRAGA, J. **Etnobotânica e ecofisiologia de vegetações em cenários indígenas na região do tapajós como indicadores de estudos de interação biosfera-atmosfera na Amazônia.** 2013. 74 p. Dissertação de Mestrado em Ciências na área de Recursos Naturais da Amazônia. Área de concentração: Interação biosfera atmosfera. Programa de Pós Graduação em Recursos Naturais da Amazônia, Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, Santarém, Pará, 2013.

CARNIELLO, M.A.; SILVA, R.S.; CRUZ, M. A. B; GARIM NETTO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta Amazonica*, v.40, n.3, p. 451-470, 2010.

ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia de algumas tribos brasileiras. In: RIBEIRO, D. **Suma Etnológica Brasileira.** Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, P. C.; BRAGA, J. Ethnobotany of Borari-Arapiuns indigenous people, Amazon, Brazil.. **Journal of Medicinal Plants Studies**, v. 5, p. 164-170, 2017.

OLIVEIRA, P. C.; CAVALCANTE, S. Ethnobotany in the Amazon floodplain ecosystem: a case study, Quilombo Saracura, Pará, Brazil.. **International Journal of Botany Studies**, v. 2, p. 89-99, 2017.

PASA, M. C. Interpretação zoocultural na comunidade de Conceição-Açu (Alto da Bacia do rio Ariçá-Açu-MT, Brasil). **Biodiversidade**, Cuiabá, v.06, n.1, 2007.

RODRIGUES, A. G. **Biodiversidade e Etnociência de Plantas Medicinais da comunidade de Miguel Rodrigues-MG**. Viçosa: UFV (Tese de doutorado), 2002. 191p.

SCHULTZ, T. L. G. **Etnofarmacologia e Fisiologia de Plantas Medicinais do Quilombo Tiningú, Santarém, Pará, Brasil**. 2015. Dissertação de Mestrado em Ciências na área de Recursos Naturais da Amazônia. Área de concentração: Bioprospecção e Manejo de Recursos Naturais da Amazônia. Programa de Pós Graduação em Recursos Naturais da Amazônia, Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, Santarém, Pará, 2015.